

O uso das tecnologias digitais de informação e comunicação (tdics) como ferramentas auxiliares para o ensino de história:

propostas, ideias e questionamentos.

Marcelo Marcos de Araújo¹

Resumo: o presente artigo discute sobre o uso das TDICs no ensino de história e de como as mesmas podem auxiliar professores e alunos na aprendizagem em história. No caso professores na forma de como são apresentadas de maneira didática os conteúdos de história, e de como os alunos irão aprender história com o uso das tecnologias. Serão apresentados no trabalho contribuições de diferentes autores: Chartier e Santaella que discutem sobre as mudanças dos formatos dos veículos de comunicação, informação e conhecimento e das formas de leituras e os tipos de leitores. Demo e Moran evidencia a importância do uso das TDICs no ensino e traz algumas propostas que podem ser utilizadas por professores. Para o ensino de história autores como Matta que traz os mapas de cognição a partir da pesquisa feita por alunos referente à História, Lopes por utilizar o whatsapp como ferramenta de aprendizagem em história e Araújo colocando em pauta a importância da pesquisa feita pelos alunos no mecanismo de busca Google. Enfim, trata-se de um estudo exploratório sobre metodologias para o processo de ensino e aprendizagem em História com o uso das TDICs, trazendo algumas informações necessárias para professores que desejam incrementar em suas praticas escolares.

Palavras-chave: (TDICs); tipos de leitores; cognição; linguagens; ensino de História.

Abstract: the present article discusses the use of TDICs in the teaching of history and how they can assist teachers and students in learning in history. In the case teachers in the way they are presented in a didactic way the contents of history, and how students will learn history using the technologies. Contributions from different authors will be presented in the paper: Chartier and Santaella discussing the changes in the formats of communication vehicles, information and knowledge and the forms of reading and the types of readers. Demo and Moran highlights the importance of using the TDICs in teaching and brings some proposals that can be used by teachers. For the teaching of history authors such as Matta who brings the maps of cognition from the research done by students referring to History, Lopes for using whatsapp as a learning tool in history and Araújo putting in question the importance of research done by students in the mechanism of Google search. Finally, it is an exploratory study on methodologies for the teaching and learning process in History with the use of TDICs, bringing some information necessary for teachers who wish to increase in their school practices.

Keywords: (TDICs); types of readers; cognition; languages; teaching history.

The use of digital information and communication technologies (tdics) as auxiliary tools for the teaching of history: proposals, ideas and questions.

¹ Mestre em Ensino de História pela UFT (2016). Especialista em Educação Profissional IFPI (2012) Bacharel e licenciado em Ciências Sociais. Licenciado em História. Professor da rede Estadual de Ensino nos estados Piauí e Maranhão. E-mail: marcelosmarcus@hotmail.com.

Introdução

No decorrer da história, a nossa sociedade passou por inúmeras transformações em diferentes aspectos. No que tangem ao conhecimento e comunicação houve um aperfeiçoamento e desenvolvimento dos diferentes veículos de transmissão, de comunicação e conhecimento.

Chartier (2002) comenta sobre a os formatos e as formas de escrita inclusive o livro impresso e as TDICs (tecnologia digitais de informação e comunicação) que estão presentes na contemporaneidade, e também escreve sobre a sua configuração e as diferenças em que as mesmas apresentam, não desprezando as antigas formas que ainda fazem parte do nosso cotidiano. As antigas e novas formas de escrita são diferentes, mas em nenhum momento são hierarquizadas, mas sim potencializadas pelo autor que parte da historicidade e da importância destes veículos para a comunicação e conhecimento.

As transformações ocorridas da forma de escrita e leitura trazem importantes contribuições cognitivas para os leitores as diferentes gerações que participam, pois permitem um aparato maior de funções e utilidades que as mesmas propiciam no desempenho desejado. O livro impresso e o computador diferem em vários aspectos, permitindo no caso do segundo possibilidades maiores de interatividade e funções que o primeiro.

Santaella (2004) permite uma discussão sobre as novas tecnologias digitais e suas mudanças no conhecimento. A autora descreve as formas de leitura no passado e na contemporaneidade e a forma como ampliamos a nossa capacidade cognitiva. Demo (2011) e Moran (2013) contribuíram para o estudo da tecnologia e de como a mesma pode auxiliar nas atividades e nas aulas dos professores, trazendo ideias, discussões e a importância de usá-las na educação.

E por último iremos debater sobre uso das tecnologias no ensino e aprendizagem em história, trazendo experiências de como podem ser utilizadas pelos professores de História ou ajudar os mesmos a construir sua própria metodologia de acordo com as suas necessidades e dentro do seu próprio contexto. Dentre os autores: Matta que traz os mapas de cognição construídos pelos alunos a partir de uma pesquisa feita por eles sobre assuntos referentes à história. Lopes que utiliza o whatsapp como ferramenta de aprendizagem em história. Araújo que traz a utilização do mecanismo de busca Google para a pesquisa em história feita pelos alunos. Este artigo discute sobre as mudanças e transformações ocorridas nos diferentes veículos de transmissão, de comunicação e conhecimento especificamente o uso TDICs no

ensino de História e de como a mesma pode ajudar no processo de ensino e aprendizagem em história.

O uso das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) e as transformações na leitura, escrita e conhecimento: contribuições de Chartier e Santaella.

No desenvolvimento das tecnologias, especificamente das mídias, observam-se mudanças na forma de se comunicar, na forma de adquirir informações, e na forma de obter e construir conhecimento. Os suportes apresentados no decorrer da história, como o livro, o rádio ou a televisão, dentre outros, partem dessa socialização e práticas humanas. Não poderemos pensar nestes suportes sendo exclusivamente portadores de materialidade, mas como conteúdos que nos informam e que nos possibilitam entender um pouco sobre as coisas e os fatos que acontecem. Estes permitem a divulgação de informações para um grupo ou um grande número de pessoas, para que todos sejam informados sobre um determinado assunto, fato ou um acontecimento.

As informações repassadas por estes suportes permitem transformações cognitivas em seus usuários, facilitando o intercâmbio e a interatividade dado o grande aumento de informações por eles gerado. Os suportes facilitam o armazenamento, a distribuição e a circulação destas informações, apesar de que cada um tem sua singularidade e particularidade em sua materialidade e na forma de produzir e disseminar as informações. Provocaram e provocam novas maneiras de ler, atitudes e novas interpretações. O desenvolvimento destes diferentes suportes, em determinada época, partem de nossa necessidade social e tecnológica o que nos permite sempre avançar de acordo com as demandas sociais e interesses divergentes.

Diferentes suportes ou mídias estão presentes em nosso cotidiano, em nossas vidas: teatro, jornais, revistas, cinema, televisão, rádio, e muitos outros; os quais têm papel crucial na disseminação das informações, no conhecimento, não descartando o poder que as grandes empresas da mídia têm e a forte manipulação destas informações com a intenção de privilegiar alguma pessoa ou grupos.

A utilização de computadores permitiu uma nova mudança na forma da leitura (CHARTIER, 2002) e em como utilizar esta nova tecnologia. Igualmente como na invenção da imprensa e do livro impresso, estas transformações afetam a sociedade ou grupo de pessoas

que utilizam tal tecnologia. A tela do computador permitiu novos formatos de texto, imagem e som em um espaço ilimitado de informações que podem ser buscadas a qualquer momento, bastando apenas ter uma conexão com a internet. Novas práticas, atitudes, formas e conteúdos, a partir destas mudanças, foram intensificados e se configuraram historicamente, no que concerne às várias mídias e suportes ainda presentes.

O computador, que faz surgir diante do leitor os diversos tipos de textos tradicionalmente distribuídos entre objetos diferentes. Todos os textos, sejam eles de qualquer gênero, são lidos com o mesmo suporte (a tela do computador) e nas mesmas formas (geralmente as que são decididas pelo leitor). Cria-se assim uma continuidade que não mais diferencia os diversos discursos a partir de sua própria materialidade (CHARTIER, 2002, p. 23).

O mundo da comunicação eletrônica é um mundo da “superabundância textual” (CHARTIER, 2002), no qual existe uma grande oferta de textos disponíveis a quem quiser ler. Neste formato, o usuário está à frente de suas decisões para escolher o que lhe interessa no momento. A disponibilização na escolha de textos e de leituras transformou-se em uma ruptura entre o leitor do livro e o leitor da tela. Não que eles existam separadamente, ou que um exclua o outro, mas sim na diferenciação na forma da leitura e interpretação dos textos. Trata-se de uma revolução da textualidade digital que constitui uma mudança epistemológica presente na tela do computador. Esta difusão da escrita na tela do computador permite um novo formato, algo diferente do formato do livro e uma maior participação do leitor na sua escolha, além de interatividade. A leitura na tela, no computador, é geralmente descontínua. Pois,

[...] o texto eletrônico, tal qual o conhecemos, é um texto móvel, maleável e aberto. O leitor pode intervir em seu próprio conteúdo e não somente nos espaços deixados em branco pela composição ortográfica. Pode deslocar recortar, estender, recompor as unidades textuais das quais se apodera (CHARTIER, 2002, p. 25).

A revolução no mundo digital está afetando nossas vidas, nosso cotidiano, mudando nossas relações com os outros, assim como ocorreu com outras mídias. Chartier (2002) aponta as diferenças do texto eletrônico para o texto tradicional: ausência de materialidade, estabelecimento de novas hierarquias ou diferenciações quanto ao suporte físico que podem ser o computador e os formatos tradicionais de textos impressos, as diversas plataformas e a transmídia. Estas mudanças nos formatos destes textos trazem importantes contribuições quanto à forma de ler, interpretar e ao processo cognitivo das pessoas que buscam e leem

estes textos. Estas mudanças não são exclusivamente pertencentes às leituras feitas na tela do computador, mas em outros formatos, no decorrer da história:

Sabemos que a leitura do rolo da Antiguidade, era uma leitura contínua, que mobilizava o corpo inteiro, que não permitia ao leitor escrever enquanto lia. Sabemos que o códex, manuscrito ou impresso, permitiu gestos inéditos (folhear o livro, citar trechos com precisão, estabelecer índices) e favoreceu uma leitura fragmentada, mas que sempre percebia a totalidade da obra, identificada por sua própria materialidade (CHARTIER, 2002, p. 30).

O espaço digital é amplo e infinito, disponibiliza uma grande quantidade de textos, imagens e sons. Este espaço permite uma leitura descontínua, segmentada e fragmentada. A grande quantidade de informações neste espaço torna-o abundante, mas, ao mesmo tempo, demasiadamente cansativo, pois para pesquisar as informações presentes neste espaço, temos que ter paciência, disposição, saber filtrar as informações e o mais importante, a necessidade de desenvolver a percepção crítica sobre as informações coletadas. Na internet há inúmeras informações que são falsas ou criminosamente manipuladas, por isso o cuidado do pesquisador e do leitor que busca informações neste suporte deve ser grande.

Sobre estas mudanças ocorridas por conta do leitor, no qual ganha nova configuração, Chartier (2002) fala da própria morte do autor e de sua ascensão e onipotência frente às novas tecnologias. Morte do leitor ou uma transfiguração? O nascimento e a morte do autor? Para este autor, a tela do computador proporciona ao leitor uma abundância de textos e discursos presentes neste espaço, o que o difere do livro escrito. Os textos se multiplicam na tela fluidamente. Isto não significa o fim do livro, pois inúmeras mídias são utilizadas simultaneamente, e nem significa a morte do leitor, pois o livro escrito e a tela do computador fornecem apenas suportes diferenciados, apesar de este último possuir para além do escrito, a imagem e o som. O que podemos observar é que “a revolução do texto eletrônico, é de fato, ao mesmo tempo, uma revolução na técnica de produção dos textos, e uma revolução do suporte do escrito e uma revolução das práticas de leituras” (CHARTIER, 2002, p. 113).

Estamos, de fato, diante de muitas mudanças, com novas práticas e novos desafios, com os quais ainda estamos aprendendo a lidar. O livro impresso ainda viverá por muito tempo, pois assim foi com a escrita manuscrita que perdurou longamente mesmo com o advento do livro impresso. As mudanças na ordem das práticas são mais lentas que as revoluções das técnicas que ocorrem de maneira mais rápida, pois, em relação ao escrito e ao digital, só o tempo nos dirá o que vai acontecer. Assim, o

“[...] novo suporte do escrito não significa o fim do livro e a morte do leitor. O contrário talvez. Porém ele se impõe uma redistribuição dos papéis na economia da escrita e a concorrência (ou a complementaridade) entre os diversos suportes dos discursos e uma nova relação, tanto física quanto intelectual e estética, com o mundo dos textos” (CHARTIER, 2002, p. 117).

A revolução digital feita a partir do uso dos computadores e demais suportes apresentou profundas transformações no modo de ler e interpretar informações, assim como foi a do livro impresso. Representa novas formas de agir e pensar sobre determinadas fontes abrindo um novo processo cognitivo, ou melhor, uma percepção cognitiva.

Santaella (2004) estuda a percepção cognitiva destes novos leitores e distingue seu modo de agir, fazer, ler e interpretar os novos suportes apresentados, principalmente o computador e seus usos. Existe uma diferença crucial da passagem do livro impresso ao suporte digital provocada pela mudança que este causou nas pessoas que o usam e que partem de uma nova significação. A própria autora explica que “[...] tomou por base, isto sim, os tipos de habilidades sensoriais, perceptivas e cognitivas que estão envolvidas nos processos no ato de ler, de modo a configurar modelos cognitivos que lhe são próprios” (SANTAELLA, 2004, p. 19). As mudanças nos formatos dos suportes (livros, computadores) influenciam a forma de ler, trazendo novas possibilidades cognitivas aos seus leitores. A autora distingue três tipos de leitores: o *contemplativo*, o *movente* e o *imersivo*, este último ligado às novas tecnologias de comunicação e informação. As práticas de leituras são definidas a partir do contexto histórico e social e o próprio suporte por ela apresentada. Tentaremos explicar nos parágrafos seguintes estas práticas.

A leitura silenciosa é tipicamente moderna e se solidificou com a cultura do livro impresso, que lhe deu maior significado. Antes da cultura do livro impresso, lia-se muito em voz alta. O ato de ler um livro impresso não acabou de vez com a leitura em voz alta, mas a leitura silenciosa se acelerou muito com as novas práticas. A leitura silenciosa possibilitava ler mais rapidamente textos muito complexos. O livro impresso tinha algumas vantagens em comparação aos outros suportes, como o texto em rolo, por exemplo, já que poderia ser fabricado em grandes quantidades (devido ao advento da imprensa), poderia ser manuseado e marcado por qualquer pessoa que estivesse lendo-o, propondo-se breves anotações em espaços existentes. Dessa forma,

[...] o livro impresso foi um poderoso instrumento para conferir toda eficácia à meditação individual, para concentrar o pensamento que, sem ele, estaria disperso, ao mesmo tempo que assegurava, em um tempo mínimo, a difusão

de ideias, criando, entre os pensadores, os novos hábitos de trabalho intelectual (SANTAELLA, 2004 *apud* FEBVRE, 1991, p. 21).

A partir do século XVI, a leitura individual, solitária, privada, silenciosa, com inúmeros livros e textos foi se distanciando das celebrações religiosas e familiares. Nesta transição da leitura em voz alta para a leitura silenciosa, esta última tornou-se uma prática muito exercida no mundo moderno. Os recentes suportes ou tipos de mídias moldam e modificam o comportamento dos leitores, permitindo mudanças na sua percepção cognitiva.

O leitor contemplativo, mediativo, situa-se historicamente na idade pré-industrial, como leitor do livro impresso e da imagem expositiva, conforme fixa Santaella (2004). Este tipo de leitor nasce no Renascimento e perdura hegemonicamente até meados do século XIX. É aquele leitor que tem em suas mãos objetos que podem ser manuseados, materializados com ideias, pensamentos e histórias em forma de letras e organizados conforme as regras estabelecidas. Ele contempla e medita acerca do que está escrito e pode escolher e consultar na hora em que achar conveniente. A materialidade do formato do livro trouxe uma percepção cognitiva que resultou em mudanças nas práticas de leitura, não somente a forma material, também as informações contidas nestas escrituras.

As transformações econômicas, sociais e políticas provocadas, mormente, pela Revolução Industrial, permitiram um novo tipo de leitor. Estamos diante de uma fase da história mundial e do avanço do capitalismo. As formas de produção e de trabalho se tornaram uma das principais ferramentas de mudanças, acarretando gradualmente as formas de como a sociedade reage às alterações, na maioria dos casos, adaptando-se a esta nova realidade.

A modernidade retrata o mundo do capital, do negócio, do consumo, da metrópole como espelho desta nova sociedade. Um mundo muito fragmentado e exposto à magnitude e ilusão. Imagens de uma época em que a humanidade, pelo menos na Europa, era detentora de um imaginário que simbolizava a própria modernidade e o usava como lema, segundo Santaella (2004). A Europa se apresentava como um modelo pleno da civilização e de modernidade, como guarda dos bens artísticos culturais. A Europa é o exemplo da civilização e do progresso. De acordo com a autora:

[...] nessa nova realidade, as coisas fragmentam-se sob o efeito do transitório, do excessivo e da instabilidade que marcam o psiquismo humano com a tensão nervosa, a velocidade, o superficialismo, a efemeridade, a hiperestesia, tudo isso convergindo para a experiência imediata e solitária do homem moderno (SANTAELLA, 2004, p. 29).

Em meio a estes aspectos históricos e sociais relatados é que surge outro tipo de leitor que é o movente. Este segundo tipo de leitor, o movente, fragmentado, é o intermediário entre o leitor contemplativo, mediativo e o leitor imersivo do virtual e do ciberespaço. Trata-se de uma preparação da sensibilidade cognitiva para o surgimento do leitor imersivo, que navega nos espaços virtuais. O leitor movente é o leitor de tira de jornais, de fragmentos, de fatias de realidade. É leitor do mundo em movimento, dinâmico, híbrido, da Revolução Industrial e dos grandes centros urbanos. Nasce com a invenção do jornal, do cinema, da televisão, do rádio, dentre outros, na verdade, dos símbolos, das imagens e dos sons. Santaella (2004) explica um pouco esta diferença entre o leitor mediativo e o leitor movente, a saber:

[...] o leitor do livro, mediativo, observador ancorado, leitor sem urgências, provido de férteis faculdades imaginativas, aprende assim a conviver com o leitor movente; leitor de formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos; leitor de direções, traços, cores; leitor de luzes que se acendem e apagam; leitor cujo organismo mudou de marcha, sincronizando-se à aceleração do mundo (SANTAELLA, 2004, p. 30).

O terceiro tipo de leitor, o imersivo, virtual, advém das tecnologias digitais, a exemplo do computador, no século XXI, a partir das quais se observa nos leitores uma nova percepção cognitiva. Na era digital, em seu processamento de informação e comunicação, nota-se uma linguagem, diferente das de outros suportes e mídias que transcorreram na história da humanidade. A tela do computador transforma-se em um grande espaço ilimitado, infinito e cheio de possibilidades, especialmente ligado à grande rede que é a internet. O clique do mouse pode levar a lugares e a informações nunca antes imaginados. A liberdade do usuário em escolher determinada fonte ou informação é uma das grandes características do mundo digital. O “[...] leitor imersivo é obrigatoriamente mais livre na medida em que, sem a liberdade de escolha entre nexos e sem a iniciativa de busca de direções e rotas, a leitura imersiva não se realiza” (SANTAELLA, 2004, p. 33).

É um modo inteiramente distinto de lidar com as fontes de informação e a forma como estas são interpretadas, diferente dos outros tipos de leitores. Não que os outros tipos de leitores tenham sido extintos em decorrência destas novas transformações, ao contrário, continuam a exercer seus “papéis”. É importante assinalar que não é o empoderamento do leitor imersivo sobre os demais leitores, mas a passagem de um leitor para outro, que envolve grandes transformações sensoriais, perceptivas e cognitivas; um novo tipo de sensibilidade corporal, física e mental, Santaella (2004).

Desta forma, as leituras presentes na atualidade servem para que façamos diversas interpretações acerca destas linguagens e para construirmos um paralelo com outras linguagens. Não podemos fechar os olhos para estes leitores, pois são eles que utilizam estas novas ferramentas e linguagens, fazendo parte destas atuais transformações e mudanças. O leitor imersivo é aquele que

[...] lê, escuta e olha ao mesmo tempo. Disso decorre não só exclusivamente óptica, como também ler de uma maneira nova e aprender cada vez com mais velocidade, saltando de um ponto a outro da informação, formando combinatórias instáveis e fugazes (SANTAELLA, 2004, p. 182).

Estes tipos de leituras originadas pelas novas tecnologias tais como o computador e a internet, fazem parte de nosso cotidiano, lazer, estudo e trabalho e não podemos ignorá-los. No campo educacional, tanto professores quanto alunos têm de saber manusear tais ferramentas, pois estas auxiliam as práticas e os estudos escolares. Estamos diante de diversas formas de leituras e linguagens, cabendo a nós, professores, o estímulo à utilização destas práticas em nossas aulas, não descartando as outras formas, mas diversificando nossas ações e práticas.

Os estudos apresentados por Chartier (2002) e Santaella (2004) nos ajudam a entender estas práticas de leitura presentes na atualidade. Nós, professores, temos de nos adaptar a estas mudanças, pois, sem entender estas práticas de leitura fica difícil planejar uma aula com o uso das TDIC e obter resultados satisfatórios.

As tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) e o ensino de história.

A tecnologia está presente em nossas vidas, contribuindo para melhorar as nossas condições sociais e facilitando tarefas do dia a dia. No que tange ao ensino, ela pode contribuir positivamente para o processo de ensino-aprendizagem, tornando-se um importante recurso para o professor utilizar em suas aulas. O uso de computadores torna-se imprescindível para a vida das pessoas em geral, como também para professores e alunos. Temos de nos inserir nesta etapa tecnológica, que é a informática, essencial para o nosso trabalho, estudo, interação e vida social.

O ensino precisa acompanhar as mudanças tecnológicas, preparando professores para lidarem com as mesmas, que surgem para facilitar as nossas vidas, em nosso caso, o processo

de ensino-aprendizagem. Alguns professores relutam em não utilizar as TDICs por vários motivos, dentre eles: a própria falta de qualificação, a falta de estímulo, a péssima infraestrutura nas escolas, ou até mesmo, o desinteresse. Entendemos que as TDICs não “salvarão” o processo de ensino-aprendizagem, acreditamos que elas possam facilitar e ajudar na elaboração de tal processo.

Elas também não vão substituir as antigas formas de escrita, como o livro, jornais e as revistas, pois mesmo no mundo virtual essas antigas formas não foram abolidas e convivem de maneira paralela. Um exemplo disso é que vários jornais, revistas e até programas de televisão estão disponíveis virtualmente na internet, bem como em suas antigas formas. Quando surgiu a televisão, falava-se que o rádio teria o seu fim em breve, mas o rádio, ainda hoje, encanta a todos. Mesmo com o advento da internet muitos suportes da mídia ainda sobrevivem.

A chamada “revolução digital” (DEMO, 2011) é uma realidade presente, que o ensino precisa incorporar para auxiliar o professor em sua tarefa diária dentro da sala de aula, tornando-a uma grande aliada na melhoria educacional em nosso país. A cultura digital, como já mencionado, faz parte de nosso cotidiano e de nossas vidas. O uso de computadores em larga escala já é uma realidade presente e incontestável. Por exemplo, notebooks, tablets e até os celulares nos auxiliam em nossas tarefas diárias, aumentando as possibilidades de comunicação e interação entre as pessoas. O computador permite a visualização de muitos textos, imagens e sons, sendo uma nova forma de materialidade informacional, de entretenimento, de estudo e de trabalho. Tudo isto disponível na tela, sendo o próprio usuário aquele que decide sobre o que vai pesquisar, por exemplo, se um artigo científico, um livro, um vídeo ou as redes sociais, etc.

É preciso praticar, encorajar e ensinar o espírito crítico, a autonomia intelectual, e também, a usar de maneira positiva o uso dessas ferramentas. Parte muito do professor e da própria escola incentivar o uso destas tecnologias em sala de aula, pois estas podem enriquecer o trabalho e também a construção de novos conhecimentos. A internet pode ser uma importante ferramenta de aprendizagem, por isso, a sua relevância.

O ambiente virtual podem melhorar o ensino e a aprendizagem, contribuindo para o desenvolvimento de ideias e atitudes, tornando o indivíduo mais autônomo. As novas formas de comunicação favorecem a aprendizagem, permitindo colaboração, interação e acesso à informação em qualquer hora e lugar, muito embora em algumas regiões a internet ainda não apresente velocidade e condições de acesso satisfatórias a todos os usuários. São vantagens

que os professores têm em suas mãos, mas para que haja bons resultados, os docentes devem saber utilizar as tecnologias com preparo e planejamento. O uso das novas tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) ajudam muito na “inteligência coletiva e reflexiva”, expressão que Lévy (2010) utiliza para tratar desta nova geração de pessoas que se comunicam, interagem e são capazes de criar conhecimentos a partir da reflexão conjunta.

Para Moran (2013), a internet é uma mídia poderosa, tanto para professores como para os alunos. A mesma consegue integrar o texto, imagem e o som a um custo barato, com rapidez, flexibilização e interação jamais vistas. O ensino presencial pode ser ampliado para outros espaços, somando diversos lugares e espaços de estudo e ensino. A flexibilização dos lugares, ou a ubiquidade, traz novos mecanismos de apropriação do saber e do conhecimento. Cabe ao professor planejar a utilização da internet como ferramenta de ensino, relacionando-a com o conteúdo e com os objetivos propostos para sua aula.

Para Demo (2011), o uso destas tecnologias tem de ser incorporado ao currículo das escolas para que estas sejam, de preferência, bem utilizadas por professores e alunos, já que estas não devem ser descartadas, pois se tratam de um novo componente. A escola precisa se adaptar a estas mudanças. Por isso, é muito importante a capacitação de professores e profissionais da educação quanto ao uso das tecnologias no ensino, sobretudo as digitais. Sem esta capacitação é difícil uma proposta de ensino voltada para as novas tecnologias ter efeitos positivos na aprendizagem dos alunos.

No que tange ao ensino de história as tecnologias poderão acrescentar bastante ao ensino e aprendizagem, fazendo que os professores de história apresentem propostas de ensino voltadas à utilização uso das tecnologias.

Matta (2006) fez um estudo sobre as tecnologias de aprendizagem em rede no ensino de história com seus alunos e de como os mesmos aprenderam História. O estudo se baseava na pesquisa dos alunos sobre temas da História em vários veículos de comunicação e informação: internet, livros, bibliotecas; com o auxílio do professor os alunos construíram “mapas de cognição” sobre o que aprenderam e sobre os temas pesquisados. Os mapas de cognição são os caminhos percorridos pela pesquisa, ou melhor, os significados e conceitos que permitem um melhor esclarecimento sobre a pesquisa realizada. Didaticamente é uma síntese da pesquisa organizada pelo pesquisador. O estudo de Alfredo Matta é uma importante contribuição para o ensino de história, pois traz de uma maneira construtivista o aluno como construtor do conhecimento e sua independência de pesquisar e buscar autoria em seus trabalhos.

Na verdade são vários itens importantes para o estudo de Matta: a utilização das tecnologias, a construção do conhecimento histórico, o aluno como pesquisador, o professor como auxiliar. Estes itens são importantes no ensino e aprendizagem em História, trazendo grandes oportunidades para professores e alunos ensinarem e aprenderem história, sendo que “as aulas expositivas deram lugar a um processo de facilitação dos alunos, no qual o professor exerceu um papel de mediador da aprendizagem” (MATTA, 2006, p.197). O meio digital facilita o processo de ensino e aprendizagem em História, tornando-se uma importante ferramenta para os professores.

As redes sociais também podem apresentar uma importante ferramenta na aprendizagem em História, um exemplo é o Whatsapp. O whatsapp é uma das redes sociais mais utilizadas por seus usuários permitindo um amplo acesso de comunicação e informação compartilhadas entre pessoas e grupos com mais diversos objetivos. “em cada grupo foram criados fóruns de discussão, centrais para tirar dúvidas, desenvolver textos colaborativos e compartilhar links, vídeos, sites, imagens e áudios que pudessem auxiliar e estimular o aprendizado histórico” LOPES (2016, p.169). O autor fez um estudo sobre o uso do Whatsapp no ensino de História e de como esta ferramenta pode auxiliar professores em suas tarefas escolares. O estudo é uma pesquisa de campo com alunos juntamente com a criação de grupos de discussão sobre determinados temas da história correlacionados aos conteúdos ministrados pelo referido professor. Esta ferramenta segundo o autor é uma extensão da sala de aula trazendo o compartilhamento de informações, ideias, pensamentos sobre assuntos referentes à História. A rede social whatsapp utilizada no ensino, o autor define como “uma aprendizagem móvel, ubíqua e colaborativa”. Segundo o autor:

Destaca-se ainda que o trato com documentos digitais e as diferentes linguagens que se manifestam e convergem em formato digital na rede provocam um aumento exponencial na quantidade de fontes/informações que irão subsidiar a aprendizagem histórica, intermediada e construída de forma colaborativa dentro e fora de sala de aula, nos grupos de Whatsapp.(LOPES, 2016, p.174)

Outra ferramenta que pode ser utilizada é o mecanismo de busca Google, que permite pesquisas sobre determinados assuntos e conteúdos da História e com ele elaborar aulas e atividades, além de poder utilizar diversas ferramentas que o mesmo dispõe. Portanto,

No ensino de História, podemos utilizar o mecanismo de busca do Google na pesquisa, elaborando propostas em que este possa ser utilizado destacando

algum conteúdo, expressão, conceito ou uma personalidade histórica. O Google nos fornece uma grande quantidade de informações que são necessárias para a pesquisa, sendo que devemos estar conscientes de potenciais perigos presentes nessas informações encontradas, lembrando aos nossos alunos que muitas informações podem ser falsas e por isso merecem um olhar mais atento do pesquisador. (ARAÚJO 2016, p.72)

Uma simples busca no Google pode advir em um resultado que responda ao que foi pesquisado, sendo que muitas vezes nem sempre a pesquisa se torna fácil, pois, dependendo do termo ou conceito pesquisado pode levar o pesquisador há milhares de sites. O melhor a fazer é filtrar o que foi pesquisado e selecionar os que apresentem melhor significado para a pesquisa.

O professor pode elaborar grupos de pesquisa com os alunos sobre determinado assunto dentro da disciplina História, por exemplo, o conceito de revolução que o professor pode relacionar com a Revolução francesa, a Revolução Russa, e se preferir outros conceitos, ou até assunto literalmente relacionado à história, por exemplo, o conflito no Oriente Médio. Na pesquisa utilizando o mecanismo de busca do Google os alunos irão ter dificuldades como: abundância de informações, sites especializados e sites não especializados, informações falsas, dentre outras dificuldades, por isso é fundamental o auxílio do professor para as atividades de pesquisa, corrigindo eventuais erros e se aprofundando sobre o assunto pesquisado.

Segundo Araújo (2016) são vários cuidados que o professor deve ter ao solicitar uma pesquisa na internet, ou especificamente no Google: 1) solicitar a pesquisa referente a um conceito, fato, acontecimento que tenha relação com a História através de um roteiro; 2) pedir ao aluno que coloque as referências da pesquisa, ou melhor, o endereço do site pesquisado; 3) ter cuidado com as cópias e colagens de textos (control c control v) na internet; 4) que o aluno socializa a pesquisa feita com os seus colegas; 5) o aluno escreva um texto referente à pesquisa realizada; 6) e por último o professor pode utilizar essa atividade de pesquisa com os alunos e transformar em um artigo para uma possível publicação para uma revista especializada na área. Enfim, com um planejamento adequado, o professor terá bons resultados.

O uso da internet como fonte de informações traz inúmeras possibilidades ao seu uso, e deve estar presente na vida escolar tanto de professores como de alunos, permitindo o uso destas informações contidas na rede. Estas informações têm que ser problematizadas juntamente com conteúdos direcionados à disciplina História. Sendo que:

O ensino de História pode se beneficiar na medida em que capacitar alunos e professores a selecionar e a extinguir as fontes de onde foram extraídas as informações e, assim, fazer com que a internet se constitua num recurso didático e pedagógico a mais, na medida em que fornece, com uma rapidez inigualável, várias possibilidades de leitura. Cabe ao leitor torna-se apto para diferenciar a qualidade e a relevância das informações disponibilizadas. (FERREIRA, 2009, p.134)

São inúmeros trabalhos voltados ao uso das TDICs no ensino em geral, e também especificamente no ensino de História, podendo ser utilizadas por professores que desejam um incremento a mais em suas aulas. Por isso é de suma importância que os professores aprendam a lidar com as mudanças advindas da tecnologia para que não se tornem obsoletos. Sendo de suma importância que estejam cientes que seus alunos são leitores imersivos e estão inseridos em uma nova etapa cognitiva e que os mesmos precisam acompanhar estas mudanças na área da tecnologia e incorpora-las em suas práticas pedagógicas.

Considerações finais

As ferramentas utilizadas para informar, comunicar, armazenar informações e conhecimento mudam de acordo com o tempo. O livro é uma delas que passou por este processo de mudanças, assim agora o formato digital que traz uma nova configuração. O computador é um exemplo, como foi discutido anteriormente.

São inúmeras as transformações tecnológicas que precisam de alguma forma chegar ao ensino, pois o mesmo deve acompanhar estas mudanças. Sabemos o quanto é difícil chegar ao ensino, principalmente o público, mas apesar de todas as dificuldades não devemos desistir e lutar para que possamos acompanhar tais mudanças. Nós professores precisamos sempre nos atualizar com as atuais formas de ensino e aprendizagem, pois a diversidade metodológica é essencial para o aprendizado, principalmente o aprendizado histórico.

Diante dos exemplos apresentados e das argumentações, é possível ensinar História com o uso de diversos meios tecnológicos? Sim, mas é imprescindível que os professores tenham conhecimento do uso devido dessas tecnologias. O Ideal é um planejamento a cerca da aula ou de atividades que utilizam estas ferramentas. Na verdade o conhecimento histórico por si só não é capaz de alcançar os objetivos da aprendizagem, mas sim aliado a um planejamento, didática, problematização e conhecimento do uso das tecnologias no ensino. O professor colherá bons resultados com um eficiente planejamento, pois o processo de ensino e aprendizagem requer acima de tudo dedicação por parte dos professores.

Diante do que foi exposto as TDICs podem auxiliar os professores no ensino e aprendizagem em história permitindo que os mesmos possam adquirir as competências necessárias sobre os seus usos.

Referências

ARAÚJO, Marcelo Marcos. **A utilização do mecanismo de busca Google na pesquisa e no ensino de história: explorando possibilidades.** / Marcelo marcos Araújo. / Araguaína, TO, 2016.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita.** Tradução: Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa.** 9.ed.rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

DEMO, Pedro. **Formação permanente e tecnologias educacionais** / Pedro Demo. 2. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **Aprendendo História: reflexão e ensino** / Marieta de Moraes Ferreira, Renato Franco. – São Paulo: Editora do Brasil, 2009.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. In: LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência.** Tradução: Carlos Irineu da Costa. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

LOPES, Cristiano Gomes. **O WhatsApp como extensão da sala de aula: o ensino de História na palma da mão** / Cristiano Gomes Lopes, Braz Batista Vas. Revista História Hoje, v. 5, nº 10, p. 159-179 – 2016.

MATTA, Alfredo Eurico Rodrigues. **Tecnologias de aprendizagem em rede e ensino de história** – utilizando comunidades de aprendizagem e hipercomposição. Brasília: Líber Livro Editora, 2006.

MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** 21. ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo.** São Paulo: Paulus, 2004.

Recebido em: 30 de março de 2018.

Aprovado em: 30 de junho de 2018.